



*M.elle Margarida Eisen, distinta amadora de canto, discipula de M.me Manteli*  
(cliché Bobone)

II Série—N.º 422

## Ilustração Portuguesa

Lisboa, 23 de Março de 1914

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA  
EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Assinatura para Portugal, colonias portuguezas e Hespanha:

Redação, administração, offe. de composição e Impressão  
RUA DO SÉCULO, 43



Trimestre..... 1820 cent.

Semestre..... 2640 cent.

Ano..... 4880 cent. Numero avulso. 10 cent.



## Bordados Lucerna



direitamente da Suíça, franco de porte no domicilio.

**Vestidos**

desde Fr. 11.50

**Blusas**

desde Fr. 3.95

**Vestidos para Crianças**

desde Fr. 5.90

Do melhor bordado suíço, sobre cambráia, voile, crêpon, toile e sobre sedas novidade.

Peçam a nossa colecção 22 de figurinos novos com amostras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas remettemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

**Schweiger & Co. Lucerne, Suíça**



## FRIO da BELLEZA

**PÓS** para embelezar a cutis.  
**CREME** para preservar e suavizar a pelle.

A VENDA EM TODAS AS PERFUMARIAS ELEGANTES DE PORTUGAL

**MIGNOT-BOUCHER**  
30 Rue Vivienne Paris

## Cabelos fortes, abundantes limpos e sedosos, CINQUENTA ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO PERMITE AFIRMAR QUE O



## Tónico Amarelo com sello Viteri

Preparado desde 1882 pela PHARMACIA BARRETO. — Suspensão a queda do cabelo, promove o seu crescimento, dá-lhe flexibilidade e desengordura-o, facilitando o penteado das senho-as. **Regenera a cor primitiva.** Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo. Impede a calvície, conserva os frisados e ondados. Não contém enxofre. **Frasco 700 réis** para fora de Lisboa mais 100 réis para porte e registo. **Deposito geral**

**VICENTE RIBEIRO & C.ª - 84, R. Panqueiros, 1.ª - LISBOA**



## OS MEDICOS

Aconselham o Phoscao aos debeis, aos convalescentes, aos exhaustos, aos velhos, e aos que sofrem do estomago.

Em logar do café ou do chocolate tomæ todas as manhãs uma chicara do

# PHOSCAO

(Antigamente Phospho-Cacao)

**O MAIS REQUINTADO DOS ALMOÇOS**  
**O MAIS PODEROSO DOS RECONSTITUINTES**

**REMESSA GRATUITA**

De uma caixa para experiencia

Deposito: **FORTUNY Hermanos, 32, Hospital, Barçiona (Espanha)**  
Mercearias, Pharmacias e Drograrias

## O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA

## Madame BROUILLARD



Diz o passado e o futuro, e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia e pelas applicações practicas das theorias de Gall, Lavater, Desarrolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admittida pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todo: os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, alemão, inglez, italiano e hespanol. Das consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—LISBOA. Consultas a 1\$000 rs., 2\$500 e 5\$000.



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

23-3-1914

N.º 422

## Primavéra

Dizem que a primavera chegou hontem. O céu torna-se profundo e transparente; o ar adelgaça-se; a luz doira-se e espiritualisa-se; estremece e lateja a terra fecunda; dir-se-hia que tudo, almas e arvores, floresce. E entretanto, um estremecimento gelado percorre a atmosfera. Ha frio. As tardes, no seu nevoeiro ténue, lembram o inverno ainda. De vez em quando, chove.

Lá fóra, no campo, o gado ruivo, entre névoas, caminha sobre os prados verdes. Semelham-se os milhos temporãos. Podam-se as ultimas vinhas. Sorriem faunos coroados de rosas. Hoje, ao dar-te os bons dias, minha amiga, os teus labios vermelhos palpitarão; parecia feita de grãos doirados a tua pele trigueira; o teu sorriso floriu, perfumado e fresco... Convenci-me então de que tinha, realment, chegado a primavera.



## Exposições de brinquedos

Os fabricantes portuguezes de brinquedos de creança vão concorrer á *Children's Welfare Exhibition*, que deve realisar-se em Londres no proximo mez de abril. A mona de trapos da Ilha, o boneco de sabugo, o santo Antoninho de barro permitem-se o luxo d'uma viagem á Inglaterra. A' primeira vista, uma exposição de brinquedos parece uma puerilidade. E entretanto, nada mais util, nada mais inglez, nada mais práctico. O valor pedagógico do brinquedo é incalculavel na educação da creança.



Os inglezes não o ignoram, — e sabem, acima de tudo, que o futuro da Inglaterra depende da forma por que educarem os filhos.

## Uma mulher

O caso Caillaux-Calmette liquidou-se a tiro. Foi simples como as grandes tragédias; eloquente como as grandes lições. Quando *madame* Caillaux era ainda *madame* Léo Claretie, o ministro das finanças do governo francez dirigiu-lhe cartas de caracter intimo. Esses documentos, onde se guardava tudo quanto ha de sagrado no pudor de uma mulher, tudo quanto ha de nobre na dignidade de um homem, — fóram roubados, violados e reproduzidos pela fotografia. Calmette, que rompera n'uma campanha d'odio contra o ministro, obteve essas cartas e publicou a primeira no *Figaro*. Colocou-se fóra da lei, fóra da moral, fóra da honra. *Madame* Caillaux, ameaçada na sua felicidade e no seu pudor, meteu-lhe tres balas no peito. Todos os homens de caracter, todas as mulheres de coração absolvem o seu gesto. Foi nobre, foi justo e foi belo.

## O Parque Eduardo VII

Vae, finalmente, ser construido em Lisboa o parque Eduardo VII. Dentro de cinco ou seis anos, o lindo vale de Valverde, que ainda ha dois séculos era um lameiro florido de hortas, verá ramalhar no seu topo, ao norte, recortadas no oiro fluído do céu, as frondes das primeiras arvores de bosque. Como o *Bois de Boulogne*, o parque de Lisboa terá a sua avenida das Aca-cias e o seu *sentier de la vertu*. Como *Hyde Park*, conhecerá os *tiburys* leves e os *nevoeiros* elegantes. Como o antigo *Passeio Publico* do seculo XVIII, onde o intendente Pina Manique mandava prender todas as *hautes merveilles* que traziam saia aberta e pantalonas de seda cor de rosa, — o parque Eduardo VII está destinado, por entre a poeira das suas tardes doiradas, a ver passar de pernas nuas, na transparencia da *paure tango*, em passinhos curtos e dançados de japoneza, leve como as encantadoras bonecas de M.<sup>me</sup> Lafitte-Désirat, — a elegante lisboeta de 1920...



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Hypolite Collomb.)



I

(De Amelia R. . . a Henriqueta de V...)

Minha bondosa amiga:

Escrevo-te mergulhada na maior angustia, minha querida Henriqueta. Tu que tens sido a minha unica confidente e que conheces o meu coração melhor do que eu propria, poderás compreender bem a minha dor n'este momento. Por isso me dirijo a ti pedindo-te perdão de não te haver escrito ha mais de um mez. Não era porque te esquecesse que não te escrevia. E' que eu era muito feliz, e nós, quando felizes, somas facilmente egoistas. Vieram, porém, minha Henriqueta, bater-me á porta as lagrimas, bem mais cedo do que

eu poderia supôr. E agora nem sei sequer o que deva fazer á minha vida. A minha primeira idéa foi matar-me. Sim, devia matar-me, bem sei. Mas tu, Henriqueta, sabes como sou nova e morrer n'esta idade seria horrivel! Ha dois dias que me passam pela cabeça as mais estranhas lembranças, mas encontro-me por tal fórma aniquilada que nada posso resolver.

Já adivinhaste por estas palavras que se trata do Rodrigo. E', afinal, um miseravel. Como pude eu confiar a minha vida e a minha reputação a semelhante creatura? A consolação que me resta é que tambem tu te enganaste, supondo-o o melhor homem d'este mundo.

Havia dois mezes que nos encontravamos em Veneza, depois de percorrermos a Italia. E, subitamente, quando voltavamos d'um passeio, sob







um pretexto fútil, desapareceu. Encontrei mais tarde, sobre uma mesa, uma carta sua despedindo-se de mim e soube pelo criado que, enquanto saíramos, as malas d'ele haviam sido feitas e despachadas para Paris. Como vês, é o abandono pela fuga, uma coisa infame que mostra uma cobardia sem nome e que me torna imensamente ridícula. E para isto deixei eu um marido benevoló, a minha casa, a minha família, as minhas amigas!..

E agora, minha boa Henriqueta? Que devo fazer? Regressar a Lisboa? Mas como? Eu não me atrevo a sair d'aquí, d'este mesmo hotel de Veneza d'onde ele me fugiu e onde a criada me olha com piedade ao ver o meu desespero. Todavia reconheço que esta situação não pode continuar. E, então, minha amiga, lembrou-me uma coisa que talvez seja impossível, talvez não dê resultado, será talvez uma loucura, mas que só tu poderias fazer-me e pelo que te beijaria as mãos. Serás tu bastante minha amiga para... convencer meu marido? Reconheço, afinal, que apesar de desagradável, é profundamente bom. E quero crêr que, se tu souberes falar-lhe, ele consentirá em deixar-me voltar para casa, ainda que façamos vida aparte. Foi hontem á noite que me acudiu esta solução; levei muitas horas acordada a pensar n'ela até que adormeci de fadiga, já quasi de dia. E, agora, quanto mais a estudo, mais me parece que ele a aceitará. Meu marido é um homem de hábitos, eu devo ter-lhe feito falta. E, depois, se ele me perdoar, eu ser-lhe-hei tão grata que lhe farei esquecer esta estúpida aventura. Tudo está agora na tua pessoa. Se tu me fizeres isto que te peço e lhe falares, és muito inteligente para não lhe arrancares um sim. Ele tem por ti um grande respeito e atender-te-ha decerto, tanto mais que já deve ter-lhe passado a primeira irritação.

Faras tu isto á tua Mémé, que tem sido sempre para ti uma verdadeira irmã?

Aguardo ansiosa e em lagrimas a tua resposta.

Hotel B...  
Veneza.

Amelia.

## II

(De Henriqueta de V... a Manuel Pinto R...)

Prezado amigo

E' já com esta a segunda vez que venho procural-o hoje e que não o encontro. Não voito cá mais, pois os criados acabariam por supór que ando a perseguil-o. Ora, a verdade é que eu vim apenas para lhe prestar um serviço e, apesar de o estimar imenso, já estou na idade em que não é conveniente para uma mulher perseguir quem quer que seja.

Agora a sério:

Estou a escrever-lhe na sua propria secretaria, no seu gabinete de trabalho e no seu papel. Não sabia que usava um papel de cartas tão elegante. Mas escrevo-lhe e sinto ao mesmo tempo uma onda de tristeza envolver-me a alma. E' que tenho a impressão d'uma frieza enorme, quando olho em roda d'esta sala. Falta n'este gabinete, visivelmente, a influencia de uma mulher. Ha poeira aqui e ali, está tudo arrumado sem amor, o reposteiro ficou mal lançado, um verdadeiro caos. Depois, meu caro amigo, dei agora com um livro tão mal aberto nas folhas: lembra-se de cons a Amelia lhe abria oo livros na perfeição?



O que veria eu se fosse por aí dentro, a todas essas salas já sem conforto! Ah! meu caro, os homens supõem sempre que as mulheres lhes não fazem falta, mas só vêem quanto são injustos logo que as não têm. Os homens são uns verdadeiros monstros!

O meu amigo, por exemplo, é uma creatura terrível. Eu não o queria para marido,—se não tivesse um marido ideal—nem que me aparecesse com um Cristo na mão. E sabe porquê? Porque tem um coração de pedra.

Se o meu amigo visse, como eu vi hontem, na quinta de sua sogra, em Coimbra, a nossa pobre Amelia, com certeza que não continuaria a não lhe responder ás cartas que ela, com uma obstinada e imerecida confiança na sua bondade, lhe escreve todos os dias, ha mais de dois mezes! Não merece ela ao menos uma resposta?

Fui lá passar dois dias. Mal cheguei, dei com ela a chorar por tal fórma que não pude deixar de chorar tambem. E nem uma queixa contra si, a pobresita! Fomos hontem, ao fim da tarde, passear pelas avenidas da quinta, para sitio—disse-me ela, seu maroto!—em que vocês trocaram o seu primeiro beijo. Estava tudo cheio de camelias que pareciam sorrir. E a pobre Amelia, recordando os bons dias d'out'ora, chorava, soluçava, coitada! que fazia pena! E estava bonita, sabe! Quasi todas as mulheres são feias quando choram. Pois a Amelia, não. E' espantoso, não é?

Ora, diga-me sinceramente: ainda está muito zangado com a Amelia?

Para arrufos de namorados já basta, não acha? Ha tres mezes que ela sofre, meu bom amigo, e isso não pôde continuar. Ela fez mal, bem sei. Procedeu levianamente fugindo assim de casa e dando logar a suposições comprometedoras. Mas, indo, afinal, meter-se n'aquelle convento da casa da mãe, e chorando dia a dia o seu arrependimento, não pagou já demasiadamente o que fez? Se soubesse como ela está repeza! Eu, no caso de marido d'ela, que não fosse senão pensando na deliciosa reconciliação, respondia-lhe, acedia aos seus rogos. Porque não faz o mesmo, meu prezado amigo? Uma palavra a chamal-a, uma palavra rude que fosse, enchel-a-ia de felicidade. Faça-lhe isso, peço-l'ho....

Verá como a Amelia está outra, bem diversa! Tive ocasião de o reconhecer hontem, meu ami-



go, e jurei a mim mesma vir hoje, sem falta, conseguir que se acabe com esta comedia entre duas creaturas que nasceram, afinal, uma para a outra, que teem já habitos comuns adquiridos e que, no fundo, se amam, sim!—apaixonadamente. Jurei isto a mim mesma, é certo, mas fui infeliz, porque não o encontro, e porque sinto quão pouco esta minha carta lhe dará a impressão que desejaria dar-lhe e que é da verdade.

Da sua velha amiga

Henriqueta.»

III

(Telegrama de Henriqueta de V... a Amelia R...)

«Amelia R...

Hotel B....

Veneza.

Parte imediatamente para casa de tua mãe. E' indispensavel que chegues na sexta-feira. No sabado á noite, teu marido vae lá buscar-te. Passarás com ele o domingo no Bussaco. Estás ha dois mezes na quinta de tua mãe, comprehendes? Se feliz.

Henriqueta.»

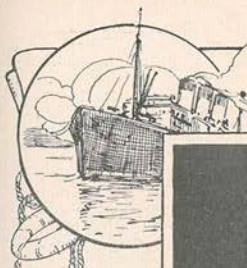
Pela copia

AIRES DE CARVALHO.





# O "CAP TRAFALGAR"



A *Ilustração Portuguesa* recebeu um dos quatro convites que a respeitável firma Marcuss & Harting, representante da poderosa companhia «Hamburgo Sul America» dirigiu à imprensa de Lisboa pa-



O príncipe Henrique e a princesa Irene sua esposa.

intraduzível da outra.

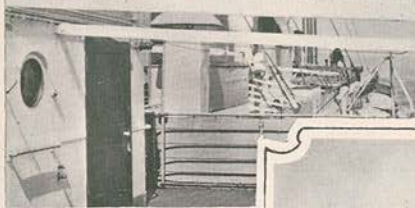
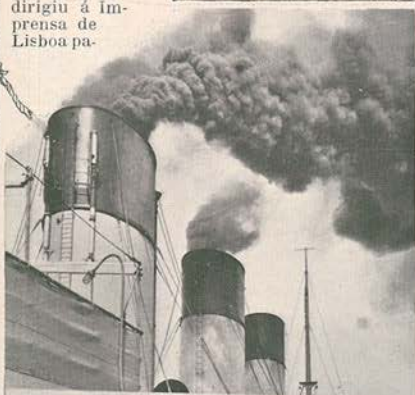
É um formidável barco o *Cap Trafalgar*. Com 200 metros de comprimento, 24 de largura e 50 de altura desde a quilha á mais elevada instalação, acomodam-se nele á larga 2.000 pessoas, entre passageiros e pessoal de bordo.

Só para cima da linha de agua as suas instalações sobem em 6 andares, de grande pé direito. Podia transportar inteira uma das freguezias de Portugal medianamente populosas, levando com que sustental-a, vestil-a, etc., durante semanas sem necessidade de comunicar com a terra.

E ninguém se aborreceria; ninguém apeteceria coisa que não encontrasse ali.

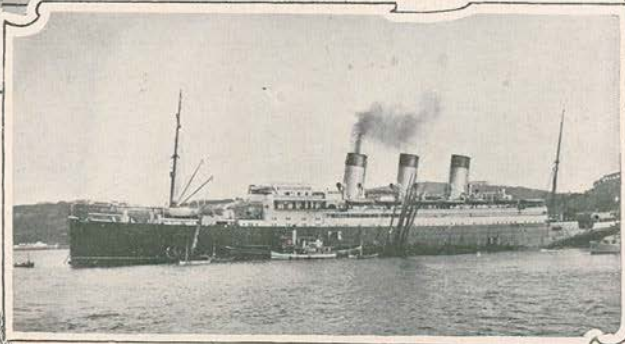
Não ha palacio nem hotel que ofereçam salas mais vastas, mais ricas, mais exuberantes de arte e de bom gosto; bairro aristocratico de mais elegantes reuniões, mais deliciosos passatempos de toda a especie; extensos passeios onde se admire mais fina concorrencia e maior animação; *bar*, onde se tome melhor cerveja, café e licôres, quer abrigado, quer ao ar livre; jardim que reuna tão formosos exemplares da flora tropical; estufas que no inverno estejam tão mimosamente floridas; restaurantes que nos forneçam melhor e mais rapidamente o que nos apetece fóra das horas regulamentares da comida.

Compra-se a bordo do *Cap Trafalgar* tudo o que compramos em terra, por mais extraordinário que pareça; vive-se não só como nossos avós, os marinheiros do seculo XVI, nunca sonharam que viesse



As chaminés do «Cap Trafalgar» no momento em que ele attingia a maior velocidade.

ra ir embarcar em Vigo no *Cap Trafalgar* que pela primeira vez vinha visitar o Tejo. Penhorou-nos a distincção e por felizes nos demos em aceitar o convite, porque as impressões que trouxemos do navio e da viagem excederam o que havíamos idealizado da grandiosidade de um, e do encanto



O «Cap Trafalgar» no Tejo

a viver-se; mas ainda como nós mesmos não o sonhámos há 10 anos! Tal é a vertiginosa transformação porque está passando cada ano a construção naval! Mas a vida a bordo vai ser objeto de um artigo especial, reservando-nos para falar hoje de duas figuras, da mais estrepada distinção, cujos movimentos seguimos a bordo, como um objeto de estudo que se nos depará uma vez na vida.

Suas altezas o príncipe Henrique da Prússia e sua esposa



O sr. Amsinck, illustre diretor da Companhia Hamburgueza com o grupo de Jornalistas portugueses e espanhóis a quem andou mostrando o seu navio, junto do tanque de natação.

nos todavia excelente, e o desembarço com que subia e descia escadas, a firmeza com que a sua figura elegante perpassava nos longos passeios marginaes do convéz, lembravam-nos apenas uma viagem de recreio em companhia do príncipe, seu esposo.

Em volta de ambos não havia sequer um vislumbre da cortezania que de longe se pôde supôr. Eram simplesmente dois passageiros de distinção, como outros que lá iam, quasi todos alemães também.



Na ponte do comando: O príncipe Henrique falando afavelmente a um marinheiro encarregado dos shnaes, vendo-se também na ponte o comandante do «Cap Trafalgar» e Irene.

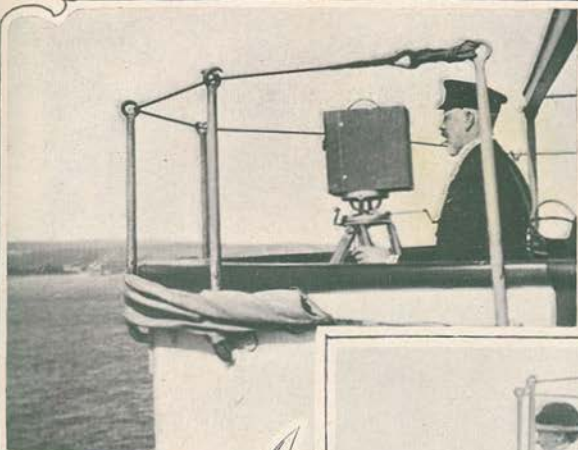
a princesa Irene de Hesse eram passageiros do *Cap Trafalgar*. Iam para Buenos Aires, diziam os jornaes alemães, por motivo da saúde da princesa, cuja recuperação os médicos fiavam da ação benéfica de uma viagem. O aspeto de Sua Alteza pareceu-



A sala de Jantar vendo-se ao fundo a galeria da orquestra.

Nem da parte destes se notava a menor atitude de adulação ou de servilismo, nem da parte dos príncipes o menor assomo de superioridade que a exigisse. Quem não conhecesse o príncipe não o extremaria, pelos modos, nos grupos em que conversava; quem não conhecesse a prince-





ta interessantíssima de educação e da mais pura democracia!

Atribuíram fins políticos á viagem do príncipe. Temol-os por certos, porque politica é, e boa, aproveitar todos os ensejos de engrandecer o seu paiz, impulsionando-lhe as melhores forças economicas.

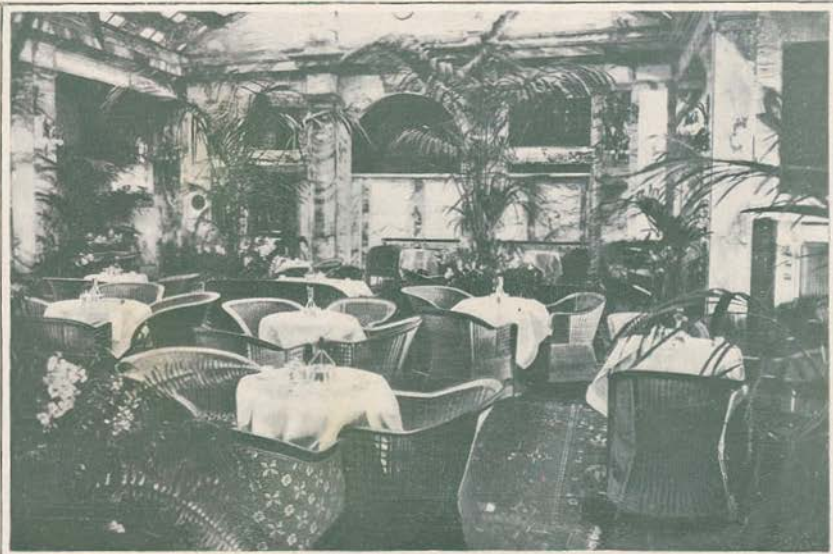


O príncipe Henrique cinematografando o panorama da margem direita do Tejo.

za não a destacaria, por apurmos hierarquicos, das senhoras com quem se entretinha. E, entretanto, observando-se bem, lá se encontrava uma diferença, mas a diferença determinada pela noção que cada um tinha das suas posições e que não excluía a convivencia social nos termos de uma afetuosa estima. No-



A princeza Irene contemplando a praia de Cascaes.



Um trecho do Jardim de Inverno do «Cap Trafalgar».



Sr. Otto Marcus, sócio da casa Marcus & Harting

Sua Alteza é inspetor geral da marinha alemã; a ele deve a Alemanha o grande desenvolvimento do seu automobilismo e da sua aviação. Para isso até começou por se fazer *chauffeur*, mecânico e piloto, organizando concursos que se tornaram célebres e estabelecendo prémios, disputados com fervor.

Levanta-se agora a questão da marinha mercante, que nunca foi, como hoje, objeto de emulação internacional; sae dos estaleiros *Vulkan*, de Hamburgo, um dos primeiros navios do mundo, reunindo todos os maravilhosos aperfeiçoamentos da navegação a vapor. O príncipe quer ser o primeiro a reconhecer-lhos, embarcando confiadamente n'ele com sua esposa, animando assim a marinha mercante do seu país e gosando ao mesmo tempo este seu brilhante triunfo. Não é outra coisa. Esse homem, já um pouco grisalho, de estatura despenhada e esbelta, de olhar doce mas penetrante, não parava um momento.

Interessava-se visivelmente muito pela marcha no avião, pela organização

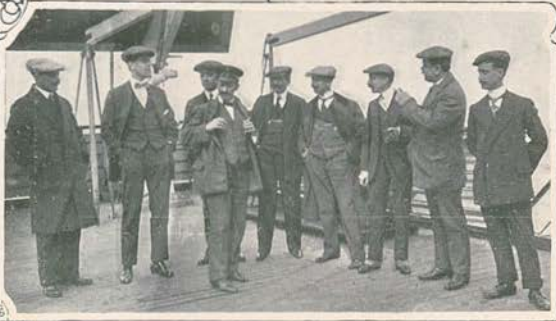


Sr. Wilhem Harting, sócio da casa Marcus & Harting

dos serviços de bordo, pelo estado de espirito dos passageiros. Tão depressa o viamos na ponte do comando, falando com o oficial de quarto, como o encontramos no convez, nas salas, no jardim, escada abaixo, escada acima, e até uma vez na biblioteca, n'aquella ocasião regoritando de homens e senhoras a escrever e a escolher livros. O desempenho dos serviços, a disciplina exemplar do pessoal, a animação geral dos passageiros, as se-



nhoras lendo, escrevendo e bordando, com o socego de quem está em sua casa ou no seu jardim, as creanças brincando no convez, como se o *Cap Trafalgar* não navegasse n'um mar bastante arripiado pela mortada, atingindo a velocidade maxima de 20 milhas;—nada d'isto escapava á observação perspicaz do príncipe, que mais facilmente discernia essa observação do que o vivo prazer d'aquella vitoria da marinha mercante alemã.

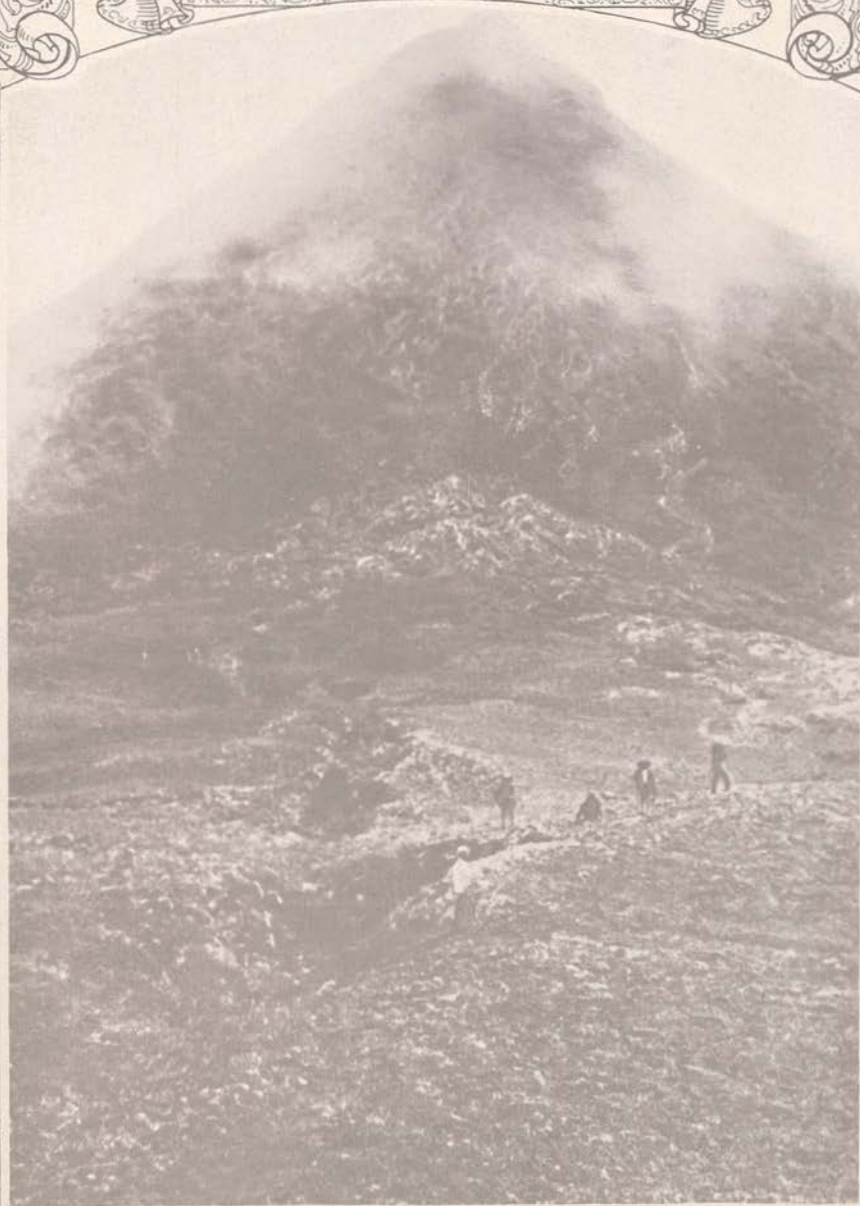


2. A princeza Irene tirando fotografias.—4. O sr. José Mellert, funcionário superior da casa Marcus & Harting, que acompanhou os jornalistas de Lisboa a Vigo.—5. A parte do «bar» ao ar livre.—6. Alguns jornalistas que fizeram viagem no «Cap Trafalgar».—(Clichés de Henriet)

F.



# A ILHA DO PICO



Aspeto do Pico vindo-se uma das crateras e o cume do monte

Fazer uma viagem aos Açores é, no século vinte, uma coisa tão demorada e tão cara, como se estivessemos a dois

passos do invento do vapor. Saem-se de Lisboa e levam-se bem seis a sete dias para chegar à ilha do Pico, qua-

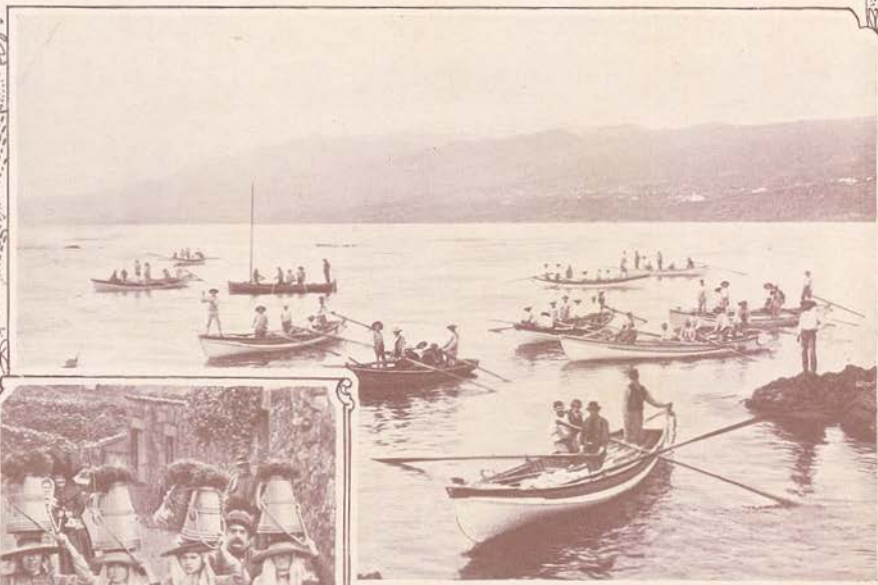
si o dobro do tempo que se gasta de qualquer porto da Inglaterra a New-York!

Se as passagens tivessem já a redução que deviam de ter, e as máquinas um pouco mais de força, estou certo que alguém sempre se tentaria a uma digressão pelas nove ilhas açoreanas, onde encontraria, em cada uma, encantos e belezas especiaes a admirar.



Porto da vila da Madalena

chama—o canal entre o Faial e o Pico. São duas ilhas que a natureza colocou em frente uma da outra, a pequena distancia; a do Pico elevando-se a dois mil e tantos metros de altitude, a do Faial, baixa, com a casaria branca da sua cidade, a debruçar-se para a bahia, ambas belis, ambas formosas, a primeira caracterisando-se pelo seu aspto vulcanico, a segunda



Canôas balleiras á volta da pesca.



Pastoras voltando do campo

Mas contente-se esse alguém com a velocidade maxima de doze milhas por hora, e observe comigo o quadro magestoso e surpreendente que oferece a entrada n'esse pedaço de mar, que se

pela graciosidade das suas montanhas e dos seus vales, pelos seus terrenos cultivados até á beira-mar, pelo co'orido das suas hortenses, formando trechos policromos, como se a paciencia de um chinês se tivesse entretido a colocar ali finas porcelanas.

Debruçado de qualquer janela, de qualquer varanda, passeando nas ruas da cidade, a ilha do Pico formada toda pela sua enorme montanha, n'um desenho acentuado de piramide, impõe-se-nos aos olhos na multipla variedade de côres, que, a cada instante, lhe vae imprimindo a luz do alto, oferecendo aspêtos diversos. E' azul agora para logo se cambiar n'um tom verde; é, mais logo, de uma côr de rosa viva, para depois toda se incendiar n'uma braza, quando o sol lhe bate de chapa. Se é no inverno, então são outras





1. Porto Pinho.—2. Vale dos Flamengos com a vista do Pico

côres, havendo a contar com o gêlo que lhe desce até meio da encosta, e que vae da prata fôska ao ouro fulvo...

Avalie-se quanto o sol brinca sobre aqulle enorme espelho.

Ao entardecer cobre-a um véo lilaz...

As nuvens tambem entram n'este maravilhoso espétaculo, ora descendo até aos terrenos baldios, ora cobrindo-lhe o cumo em graciosas formas de barrete, que os maritimos interpretam como sinal de chuva ou de vento.

E' barometro que não erra.

A travessia entre o Pico e o Faial faz-se diariamente por barcos de boca aberta, de velas latinas, que, com bom vento, a fazem em pouco mais de trinta minutos. A terrivel civilisação com os seus barcos a gazolina, não os fez desaparecer de todo.

As duas ilhas vivem uma da outra. O Pico dá o vinho, a fruta e a lenha. O Faial fornece-lhe os cereaes, o milho principalmente.

No seculo passado as principaes familias da Horta tinham ali as suas casas de verão, em logarejos proximo do mar, de cujas varandas se avisstavam campos e campos de vinha, que davam essa hoje ja tão cara uva de verdelho, cujo vinho foi negocio importante de exportação para a Russia.

Mais tarde a doença veio trazer a necessidade do plantio de castas resistentes, que, produzindo abundante vinho, está muito longe de ter o valôr do delicioso vinho branco,

nada inferior ao da Madeira. Não quer isto dizer que se não pudesse reviver os antigos tempos, pois ainda na colheita do ano passado houve quem tirasse magnificos resultados do verdêlho.

Seria uma tentativa acertada voltar ao plantio d'aquella uva.

Ha ainda hoje d'essas antigas casas, que faz dô d'alma vél-as quasi em ruinas. Uma d'elas, que foi propriedade do falecido visconde de Sant'Ana, situada n'um sitio da costa do Pico, chamado a «Barca», tinha o cunho bem caracteristico de antigo solar, na vastidão dos pateos e das varandas, na extensão dos campos de vinha, que se perdiam de vista, e que chegaram a produzir para cima de trezentas pipas de vinho branco, d'esse belo vinho que os russos bebiam com prazer, e que me faz recordar a seguinte anedota:

Por ocasião da estada de uma esquadra russa na bahia da Horta, n'um baile, por alta noite já, quando os officaes russos conviviam intimamente com os rapazes da terra, um d'elles, lembrou-se de levantar um brinde ao vigario do Cedro... da

Russia... Ora os officaes, que apenas percebiam — Russia — acompanharam o brinde n'um entusiasmo delirante...

Como eu ainda revivo, n'essas paredes meio caídas, a vida d'outr'ora, farta e bela com vinte e



Um velho agricultor.



O caes na Madalena.



mais pessoas em volta da meza, a adormecer com o mar ali perto, e a acordar com esse mesmo mar, que nunca dorme. Mas como aquela, havia outras que já nada diriam da vida antiga, as jane'as tapadas por taipaes de madeira. Só o mar é que ainda as não tinha abandonado, cantando-lhes a triste melopêa das ondas batendo de encontro aos rochedos. De resto, é em toda a volta da ilha, aquele colar de vagas sobre pedras, ou de ondas saltando sobre rochedos, e que imprime aos seus habitantes, parte masculina é claro, o cunho

Outro aspecto do Pico visto de Lagos.

Devido a condições do vulcanico, ha poucos terrenos de sementeira, havendo em compensação magnificas pastagens, onde se cria bom gado, lanigero e vacum.

Os queijos são uma especialidade pouco conhecida no continente, mercê da falta de cuidado, por vezes, no seu fabrico, e da falta de iniciativa de o colocar no nosso mercado em boas condições de renda. Segundo a ultima estatistica a população é de 21.853 habitantes, sabendo lêr 3165 varões 3711 femeas, o que dá uma percentagem de 68 % de analfabetos, o que se não



Chegada de Barco Porto á Madalena.

bem acentuado de marinheiro, que os acompanha pela vida fóra, quer tripulando as suas pequenas lanchas de pesca, quer indo á caça da baleia nas esguias canôas, quer embarcando por largos anos em navios balieiros, quer emigrados para a America do Norte, onde ainda, muitas vezes, vão exercer a profissão de pescador. O picoinse é, no geral, ativo e trabalhador.



Um trecho da Madalena.

é uma desgraça, é uma tristeza. Entretanto a lei ultimamente publicada na America do Norte sobre a admissão de emigrantes n'aquela vasto continente, só admitindo os que saibam lêr, talvez seja um estímulo para o desenvolvimento da instrução nos Açores, se atentarmos na grande corrente de emigração que ali ha.

RODRIGO GUERRA.



# A Furlana

O sr. L. Duque, o professor de dança brasileiro, que dirige hoje a grande sala de baile do Luna Park e que vertiginosamente, n'uma carreira de pouco mais d'um ano, conquistou Paris, foi ha pouco a Roma, em companhia da sua gentilissima *dans'use* «mademoiselle» Gaby, aprender a *Furlana*. Em alguns dias ultrapassou a ciencia dos mestres e eu proprio — encontrando-me de passagem na Cidade Eterna, — o vi triunfar dos professores romanos n'um confronto todo em seu favor na festa organizada nos salões do Excelsior-Hotel.

Dansando a *Furlana* o sr. Duque pretendeu mostrar-nos ao que supoz a maleabilidade das suas aptidões coreograficas; a *Furlana* excitou vivamente a curiosidade do publico e ele quiz satisfazer

que o professor brasileiro nos apresentou é cheia de bom gosto, de variedade e, se me permitem, de estilo.

Mas o *maxixe* brasileiro que ele creou, que ele lançou em Paris e que fez a sua rapida e invejavel nomeada, continuará sendo a razão principal do seu triunfo. E' o *maxixe* que o publico do Luna Park

a cada tarde e a cada noite reclama e aplaude. Foi o *maxixe* que eu vi entusiasmar até ao delirio a aristocracia romana n'essa *soirée* brilhante do Excelsior. Do conhecido *maxixe*, de ritmo ardente e pitoresco mas d'uma discutivel elegancia, o sr. Duque fez, transformando-o, polindoo, estilizando-o, uma dança de salão sempre interessante e deliciosa de graça quando, como ele, a saibam dançar. O sr. Duque é o plenipotenciario do *maxixe* na



O professor mr. Duque e «mademoiselle» Gaby dançando a *Furlana*.

essa curiosidade. A sua *Furlana* não será rigorosamente classica, mas a fantasia sobre a velha dança venesiana

Europa. Já o dançou em Paris, em Londres, em Berlim, em Roma; dançou-o deante do *Kaiser*, do rei d'Ingla-

terra e de Afonso XIII. Em toda a parte ele chega, dança e vence. N'este Paris onde tanto lutam em vão por uma gloria esquiua, em um ano e meio de combate, ele triunfou dansando.

Deve registrar-se com louvor o facto de o sr. Duque associar as pessoas do seu paiz; as musicas executadas no *Dancing Palace* são

na sua grande maioria brasileiras, as suas edições teem nas capas as cores da bandeira brasileira, uma das orquestras é brasileira e o seu diretor vae ser Nicolino Milano o maestrino brasileiro que Portugal conhece bem.

Sobesse ponto de vista o professor Duque tem a envergadura de um excelente diplomata. A sua diplomacia é, bem entendido, d'um genero especial; mas ninguem por certo se atreverá a afirmar que, entre os varios generos de diplomacia conhecidos, esse seja o peor. P. O.

POST-ESCRPTUM.  
—Uma novidade que deve lisongear osportuguezes: Duque, que como

bom brasileiro, tem uma fraternal simpatia pela nossa terra, projeta após a chegada de Nicolino Milano, pôr em voga em Paris, transformadas em dansas de salão, algumas das dansas populares portuguezas e nomeadamente o *Vira*. Os portuguezes que aqui vierem como de costume na primavera terão provavelmente o prazer de ver dansar no *Dancing Palace*, as dansas do seu paiz.



Outro passo da «Furlana» pelos professor Duque e «mademoiselle» Gaby

(«Clichés» Ordinaire)



# A Mascara d'um Actor



Dr. Azevedo Neves

O sr. dr. Azevedo Neves é um homem de ciencia que escreve com uma limpidez admiravel e traça muito bem a sua ação de critica.

Sobejamente isto se comprova ago-

ressantes, completas e nitidas são as fotografias que acompanham essa obra digna de todas as atenções. Os comentarios que o dr. Azevedo Neves faz a essas expressões e



Augusto Rosa

a esses papeis são admiravelmente reproduzidas.

A calma expressa na figura do cardeal de Montmorency da *Ceia dos Cardeaes*, o recolhimento que encontrou no Henrique III que soberbamente interpretou ali definidas com o Extase das *Rosas Bravas* de Lopes Vieira, com a Reflexão, na verdade uma das melhores mascaradas, do *Apostolo* assim como a meditação do seu soberbo papel no *Samsão*.

Admiravel é também a atenção na peça *Afonso VI* em que o grande ator teve uma das suas melhores creações.

E seguem sempre inumeras, esplendidas todas, as varias expressões fisionomicas de Rosa no galan de *M. de Seigliere*, na *Romagem dos Agravados* e ainda na ale-



Eros conduzindo a mascara de Baco, terra cota, grega, antiga, da coleção Camille Lecuyer

ra com o seu livro *A Mascara e o Ator* em que analisa as mais celebres creações do grande Augusto Rosa. Com ciencia, com cuidado, dando os verdadeiros nomes ás suas observações e com uma grande base cientifica e uma grande erudição o illustre medico analisa o que valem as expressões do artista que as nossas platéas mais amam.

Vem desde o tempo que Rosa, moço e ambicioso d'uma grande reputação, trabalhava na opereta alvejando já os horisontes d'uma arte mais ampla onde devia notabilisar-se e tornar-se dos primeiros entre os nossos primeiros atores.

A figura de Augusto Rosa fica, perdura n'esse livro em todas as suas expressões, tão inte-

tase das *Rosas Bravas* de Lopes Vieira, com a Reflexão, na verdade uma das melhores mascaradas, do *Apostolo* assim como a meditação do seu soberbo papel no *Samsão*.



Recolhimento: Oração no Henrique III e a sua corte.



Atenção: Ouvir no «Afonso VI»

gria do Samsão e no comprometimento da Triste Viúvinha.

E' quasi toda a carreira artistica do grande ator que ali fica gravada com os comentarios interessantes do homem de ciencia que é o sr. dr. Azevedo Neves.

E' grato que alguem



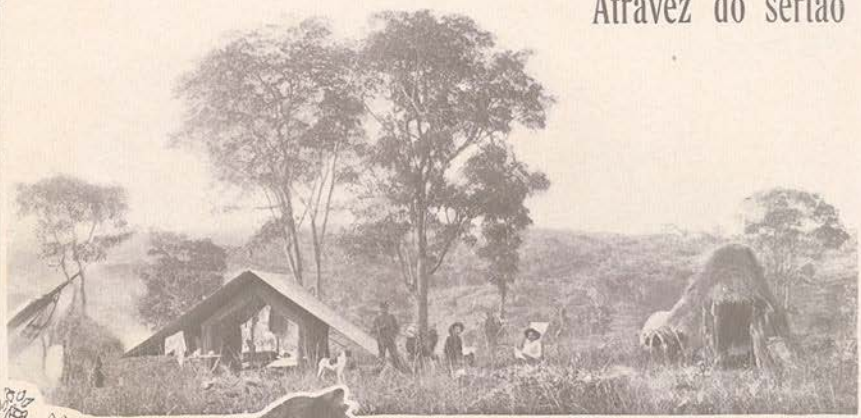
na l'iteratura portugueza se tenha dedicado a essa tarefa deixando assim arquivado n'um belo tomo algumas das mais belas expressões de um dos nossos mais admirados atores. A mascara d'um ator é por todos os motivos um encantador e utilissimo livro.



1. No «Samsão». Energia, confiança em si proprio. — 2. Na «Estrangeira». Impertinencia.
- 3. No «Auto Pastoril» de Gil Vicente.
- 4. Dôr e Angustia na peça «Apostolo».
5. Reflexão, no «Apostolo».

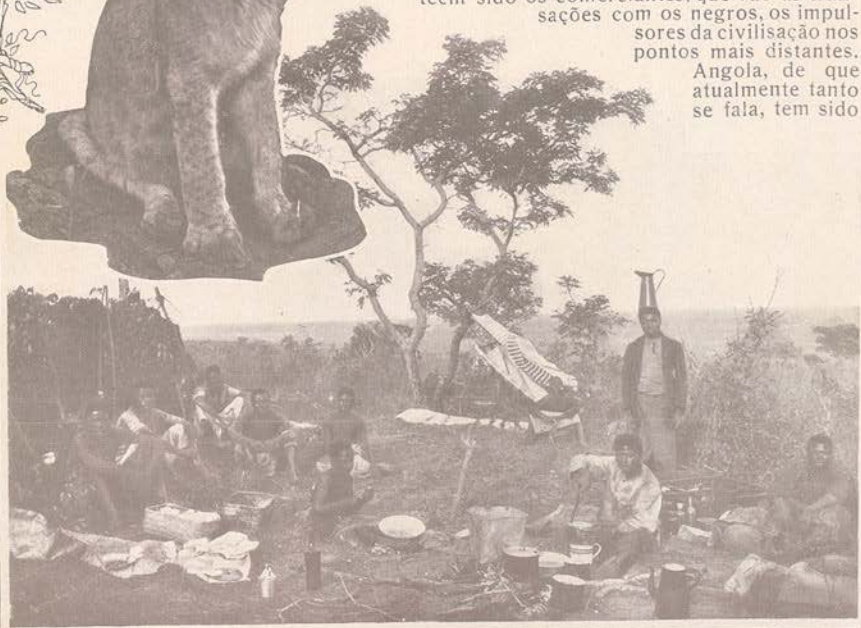


## Atravez do sertão



Quem fez a colonização brasileira foram os bandeirantes, essas caravanas famosas que atravessam os campos n'uma aventura nem sempre produtiva. No interior d'Africa tem sido os comerciantes, que vão ás transações com os negros, os impulsores da civilização nos pontos mais distantes.

Angola, de que atualmente tanto se fala, tem sido



1. Um acampamento d'euuropeus na travessia.—2. A Dumba em plena liberdade.—3. Como é cosinha em viagem. através do sertão africano.

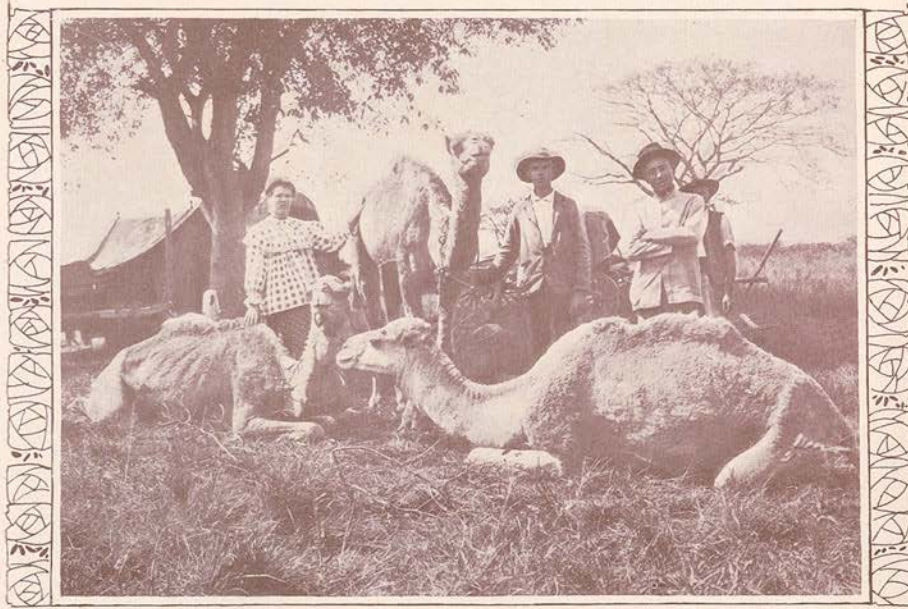


Um d'esses nomes, o sr. Antonio Grave, que ha muito ali labuta, dizia a esse respeito: «Angola nunca conheceu a miseria e Africa não é só para os bichos como muita gente julga porque se viaja n'ela com mais segurança do que nos grandes centros onde abundam os «apaches» mais feroces que o leão africano porque este só ataca o homem quando é atacado ou quando a fome a isso o obriga».

Ainda como exemplo de salubridade diz-nos existirem no interior d'Angola pontos que fazem lembrar a saudosa Cintra não só pelo seu pitoresco mas ainda pelas suas aguas puras e cristalinas.

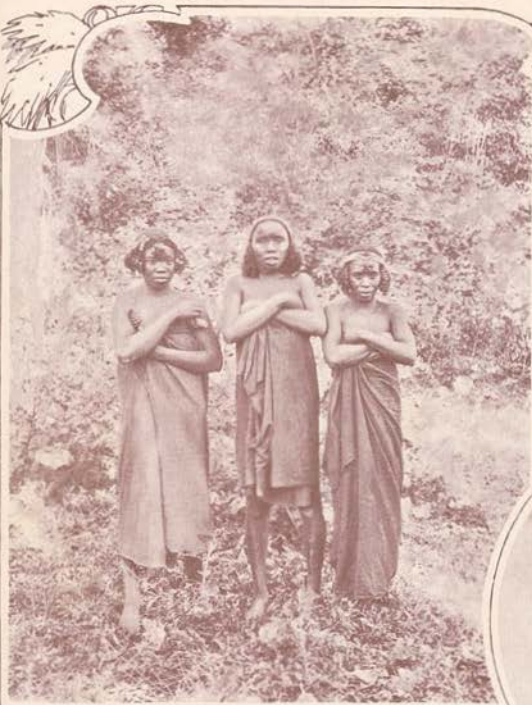
Nas travessias que fazem pelo mato tem visto um exemplar admiravel de quanto é possível domesticar os leões. Ha dez mezes que a Dumba

1. A Dumba tomando um banho de sol.—2. Uma passagem no rio Quanza. atravessada em todas as direções, colhendo otimos resultados aqueles que o fazem.



3. Os dormedários da Catala descansando das fadigas de viagem pelo sertão.





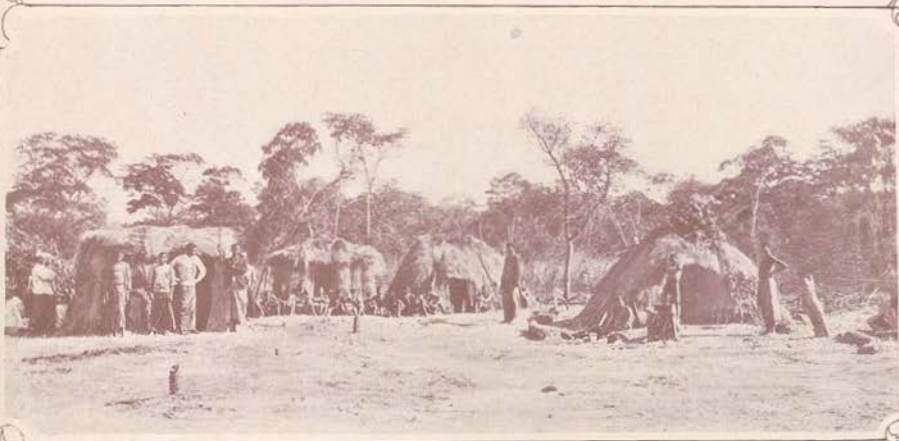
Tipo de mulheres dumbres do Quanza

—é assim que se chama o animal—tem convívio com o seu proprietário o distinto sertanejo sr. Joaquim da Fonseca Costa. Passeia, dorme, come e bebe quando lhe apetece e quando alguém se

aproxima da casa vae ao seu encontro dando-lhe uma maradinha, mostrando as grandes presas capazes de fazerem estalar os ossos d'um elefante e fica-se queda n'uma atitude inofensiva. Sustenta-se de farinha e cosinhados varios, não comendo nunca carne crua. Um portento como se vê, no interior d'Africa, onde se sonham sempre os mais terriveis animaes fezozes que povoam as narrativas do *Journal des Voyages* e do *Tour du Monde*.



A Dumba com quatro mezes de idade e dois de ensino.



Um acampamento de carregadores

(«Clichés» do distintos amadores srs. J. F. Costa, Mayer Alkanio, Joaquim da Fonseca Costa).

## A exposição Joaquim Gonçalves da Silva



Joaquim Gonçalves da Silva foi um distintíssimo escultor que viveu todo entregue á sua arte e á sua familia e muito novo ainda desapareceu do mundo legando á esposa e aos seus oito filhinhos um nome ilustre e a pobreza e ao lado d'essas cousas, que andam quasi sempre acompanhadas, algumas obras primas. Era um homem de caracter e um artista de rara consciencia que a morte levou quando havia muito, tudo, a esperar do seu grande talento.

Desaparecido do mundo, ficando nas mais precarias circumstancias os seus, lembrou-se uma comissão de pedir a outros artistas, esculptores, pintores, aguarelistas, alguns dos seus trabalhos para serem



1 e 3 — Aspectos da exposição  
2. O sr. Joaquim Gonçalves da Silva.

vendidos na Misericordia do Porto em beneficio dos queridos entes que o artista n'este mundo deixou.

Algumas obras de Gonçalves da Silva foram tambem leiloadas e entre ellas alguns baixos relevos admiraveis como os da *Caça ao Javali*, a *Alegoria, o Baco, Creanças, Perús, o Friso* etc., que marcam as magnificas faculdades do artista.

Em barro cosido apresentam tambem as figuras de *Mulher do Povo, a Cabeça de Cristo, Vindima* etc., que são trabalhos d'uma infinita correção.

A familia do escultor não foi esquecida pelos seus camaradas sendo muito bela esta prova de solidariedade que lhe foi dada pela maioria dos que cultivam a arte em Portugal.





# Figuras e Factos



Sr. Alfredo Pinto (sacavem) crítico de arte, que foi eleito membro da Academia Arcadica de Roma.



Tenente Franco Rabelo, governador do Ceará.



Sr. Santos Luz, autor do Livro *Maha Terra*.

A questão do Ceará baseia-se no desejo que tem uma parte da população em vêr demittido o governador Franco Rabelo que se tem mantido bravamente no seu posto apesar dos ataques dos rebeldes que teem tentado chegar á Fortaleza. O espirito publico alarmouse; no Rio de Janeiro chegou a haver

uma sessão agitada no Club Militar tendo sido decretado o estado de sitio n'es ta cidade, Nictheroy e Petropolis acabando o governo federal por mandar tropas contra os rebeldes cearenses que assim teem perturbado a vida da grande Republica Brasileira.

O novo ministro da Hollanda em Lisboa é o sr. Aert Vander Goes que apresentou as suas credenciaes ao chefe do Estado sendo a cerimonia realisa da sala de honra do palacio de Belem diante do ministrio e respectivo sequito.

O sr. Van der Goes era conselheiro de legação em Londres e um dos mais distintos diplomatas do seu paiz que ao nomeal-o para Lisboa deu á Republica Portugueza uma subida prova de deferencia.

No fim da cerimonia o presidente do governo esteve conversando algum tempo com o illustre diplomata.



4. Depois da entrega das credenciaes do novo ministro da Hollanda em Portugal ao chefe do Estado.

5. A discussão da Lei da Separação no Parlamento: O sr. dr. Afonso Costa fazendo a defeza da lei de que é autor. (Glicies de Benedit)



A EXPOSIÇÃO OLISIPONENSE

Na sua ultima cronica, Julio Dantas, referindo-se á Exposição Olisiponense, recordou o que acerca da Inglaterra dissera Paulo Hervieu: só são grandes

as nações onde é possível o culto da tradição. E isto porque a bela iniciativa dos Srs. José de Queiroz e Gustavo Sequeira, traduzindo o pensar da Associação dos Arqueólogos Portuguezes, representava uma grande lição de civismo a todos os titulos digna de louvor.

Realmente fazer reviver, aos olhos de quantos visitem a exposição, a Lisboa dos seculos XVI, XVII e XVIII nas



1. Cartas de jogar, tipos nacionaes.—2. Pote em faianças.—3. Pote de faianças em forma de bañô. 1 terço do seculo XVIII.  
—4. Aspetto da exposição de faianças.



multiplas manifestações da atividade lisboeta, o mesmo é, que despertar o sentimento nacional, crear vontade de continuar e seguir n'um aperfeiçoamento constante em todos os trabalhos e em todas as manifestações artisticas ou industriaes, a obra esplendida que admiramos.

Em tudo quanto a exposição encerra se vê palpitar o sentimento nacional, simples, ingenuo, adoravel.

Os tapetes e as faianças, a ourivesaria e o mobiliario, os



1. e 3. Pratos aranhões, desenho mltido.

sario manter. E' este fogo sagrado que não devemos deixar extinguir.

Temos-nos estrangeirado muito, e em tudo; no vestir e na alimentação, no mobiliario, e na educação, nos usos e nas tendencias. Tudo assemilamos e tudo pretendemos imitar a maior parte das vezes, porem... ridiculamente.

Temos um ensino alemão e tendencias literarias afrancezadas. Vestimos á inglesa e comemos á franceza. O mobiliario e os multiplos objetos



A mais antiga planta de Lisboa

documentos da indumentaria, os livros e os mappas, os manuscritos e os desenhos, os presepios e os produtos da pequena industria, os brinquedos e os adornos; tudo tem um modo de ser tão nosso, tão portuguez que é em elleo d'alma o percorrer a exposiçào.

E' esta característica portugueza impressa em cada manifestação de a tividade, que é neces-



de uso comum são igualmente de uma ou outra d'aquelas nacionalidades. E assim, com todas estes estrangeirismos representamos um povo incaracteristico e de dia para dia o sentimento nacional e a característica portuguesa vaõ desaparecendo pouco a pouco.

A iniciatica dos srs. José de Queiroz e Sequeira é pois um estimulante louvavel e bom será que a exposiçào fosse permanente

te o que infelizmente não é.

Falemos porem da exposição: Ela satisfaz por completo os mais caprichosos desejos. Percorrer as salas do museu do Carmo é realisar todo um exame retrospectivo á vida, ao desenvolver, ao evolucionar de Lisboa desde de épocas anteriores ao terramoto ate quasi aos nossos dias.

A primeira sala destinada á bibliografia contem edições datadas de 1571 taes como a primeira edição do «Sítio de Lisboa» de Luiz Mendes de Vasconcelos; o «Sumario de Noticias de Lisboa» de Crisvão Rodrigues de Oliveira; a «Fundação e Antiguidades de Lisboa» de Luiz Marinho de Azevedo e a «Lista das Grandezas de Lisboa» de Frei Nicolau de Oliveira.

Muito contribuiu a Academia de Ciencias, cedendo os seus manuscritos



Cautelas de 25 e 240 rs. de 1856, 1862 e 1888

tampas que a companhia muitos dos volumes expostos permite uma facil reconstituição dos usos, trajes e costumes das épocas respectivas.

A mais bela porem de todas as salas da exposição é, por certo, aquella onde o sr. José de Queiroz reuniu a preciosissima coleção de ceramica que encerra muitas e valiosas obras d'arte algumas por completo desconhecidas do publico.

Ali estão os pratos e as amforas das velhas olarias lisboetas. E' felizmente vivo ainda o velho Jesus da fabrica das Trinas do Mocambo e, com que satisfação elle não verá de novo aqueles pedacos de barro que a sua mão de artista modelou, desenhando-os e pintando-os com tanta simplicidade e amor!

A fabrica do Rato é a que tem maior representação: figuram entre os productos ex-



para que esta parte da exposição podesse ser tão completa e valiosa como é.

O grande numero de gravuras, desenhos e es-

postos, originarios d'esta fabrica, e quem sabe alguns d'elles talvez propositadamente feitos para o grande Marquez de Pombal, as rarissimas ca-



2. outro trecho da exposição. — 3. Bilhetes de americano.



beças de javardo, o aquario, as terninas e as estatuetas, tão belas não só pela sua modelação impecavel como pela beleza do esmalte lateo que as reveste.

Do grande artista Cifika admiram-se os pratos e os jarrões, que tão perfeitamente imitam a faiança italiana da epoca, os pratos decorativos e a linda mesa que pertenceu a D. Fernando.

Do nosso velho Jesus, aquele adoravel modelador e o melhor artista ceramico da sua epoca exibem-se os pratos decorativos, as jarras e a rabeca que pertencev a A. Keil.

Dos trabalhos de ceramica expostos, os que mais abundam são os pratos, alguns d'elles adoraveis de desenho e colorido, taes como aqueles que vulgarmente se chamam de *deseño miúdo*, *aranhões*, etc.

Ha azulejos esplendidos, alguns d'elles brilhantemente coloridos.

Quem pretender acompanhar, quasi passo a passo, o desenvolver da cidade pode bem fazelo na enorme e completa coleção de plantas e vistas geraes que em outras salas se mostram.



senhos, plantas e fotografias varias, sendo facil acompanhar todas as evoluções e modificações da cidade.

Mais uma sala tem ainda a exposição, e bem interessante por signal! E' destinada a muitas pequenas coisas qual d'elas a mais original e digna de reparo.

Pesos e medidas de todas as epocas; cole-



1. Bilhete de beneficio d'uma tourada no Salitre em 1790.—2. Um bilhete de sol da praça do Campo de Sant'Ana



3. Um bilhete da praça do Campo de Sant'Ana.

Data a mais antiga de 1530 e foi extraida da cosmographia de Sabastião de Munster; por ela e por algumas outras se avalia bem da cidade antes do terramoto. Quanto a este cataclismo a documentação é enorme tanto grafica como descriptiva, dando a quem a visitar a exposição, a noção completa do que foi essa horrorosa tragedia.

A cidade nova surge a nossos olhos em estampas, gravuras, de-



Cabeça de javardo da fabrica do Rato.

(«Clichés» Benoitte)

ções de bilhetes e cartazes de teatros e praças de touros; coleções de bilhetes de todos os meios de viação que tem havido em Lisboa; os lindos trabalhos de Machado de Castro e as joias adoraveis de Bartolomeu da Costa. Calendarios e repertorios; livros de missa e imagens dos santos devotos da população lisboeta; cautelas de loterias, prospectos e reclames; anuncios de medicamentos, convites de bailes e receções e uma preciosa coleção de cartas de jogar illustradas com tipos genuinamente portuguezes. Emfim uma

infimidade de pequenas coisas, simples e interessantes todas elas traduzindo ou significando um acontecimento ou um facto da vida lisboeta.

Tambem são verdadeiramente interessantes, pela correção do desenho e maravilhosa execução os trabalhos á tesoura pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. A. Judice da Costa.

Uma bela exposição e um grande exemplo de patriotismo.

E. P.

# ANDORINHAS.



Vôa a andorinha, d'asa em foíce aguda,  
Corta o ar, sobe ao Céu, e vai e volta;  
Não sei de impeto audaz que não lhe acuda  
No delírio sublime, em que anda envolta.

Juntam-se ás vezes n'uma coorte muda,  
E, a um sinal, que uma andorinha solta,  
Partem, povo liberto que sacuda  
Azas, bandeiras negras de revolta.

— Eh! lá! eh! lá! Oh! andorinha espera,  
Pára: que eu vou também, quero emigrar,  
Tenho saudades d'uma nova esfera.

Agora, vá... largai! que além do mar  
Abre o seio e sorri a primavera...  
Eia! andorinhas, é voar... voar...!

JAIME CORTEZÃO.

Versos do sr. Jaime Cortezão, extraídos do seu livro «Gloria Humilde», recentemente publicado.





## O funeral do sr. conselheiro José Luciano de Castro

O funeral do sr. conselheiro José Luciano de Castro revestiu-se de uma grande pompa e constituiu uma enorme manifestação de saudade por parte dos seus amigos, pessoas e políticos.

O finado tinha declarado que desejava fosse muito singelo o seu enterro não querendo de fórma alguma ex-



A passagem do funeral na Avenida Miguel Bombarda

berto de violetas com uma grande cruz de camelias. A multidão era enorme nas ruas a ver passar o cortejo seguindo-o depois até ao cemitério do Crasto rodeando a capela de família onde o corpo ficou depositado e á porta da qual falou o sr. Francisco Beirão em nome da Academia de Ciências e da Associação dos Advogados.

O grande orador António Candi-



teriorizações de magnificências em coches funerarios, em corôas, em largos prestitos.

Não pôde perdurar a sua vontade alem tumulto porque os seus amigos e antigos correligionarios deram com a sua presença uma grande impoençia ao funeral.

A Anadia viu chegar pessoas de todos os pontos do paiz que iam prestar a sua homenagem ao cadaver do antigo chefe do partido progressista.

Foi pois, muito concorrido o prestito que as irmandades d'Arcos, Moita e Mogafores abriam seguidos por um numeroso grupo de sacerdotes. O caixão, que os servos do extinto conduziam, ia co-



do fez o elogio politico do finado, orando depois ainda os srs. Luiz Ferreira e conde de Agueda.

O sr. D. Manuel de Bragança e sua mãe foram representados no funeral pelo sr. conde de Sabugosa. O governo enviou pezames á familia do conselheiro José Luciano de Castro assim como o sr. dr. Afonso Costa e outros vultos republicanos.

Um dos primeiros telegramas a ser recebido foi o do sr. Presidente da Republica no qual o sr. dr. Manuel d'Arriaga enviava as suas condolencias.

2. O prestito no cemitério de Monte Crasto  
3. O carro onde foram conduzidas as corôas.  
(«Lilchês» da Fotografia Dóra, de Arcos. Anadia)

# A festa da Arvore

Desde que o *Seculo Agricola* começou a auxiliar a festa da arvore, que era ao principio um reduzido movimento tem aumentado essa solenidade em entusiasmo sendo tambem larguissima a sua propaganda. Pode dizer-se que este ano o bellissimo seminario dedicado á agricultura conglobou a iniciativa da festividade já reclamando-a com a sua larga tiragem e com o valiosissimo patrocínio do *Seculo*, já marcando, de combinação com os poderes publicos, um



No Jardim Zoologico antes da festa da arvore: Os ministros do fomento e instrucção, os directores do Jardim e os srs. Castro Neves, director do «Seculo Agricola» e Aires de Carvalho.

e que saiu na verdade surpreendente. Assistiram alem dos ministros da instrucção e do fomento, do director e pessoal da redacção do brilhante semanario agricola, professores, lavradores, etc. que ouviram a palavra entusiastica do sr. dr. Veloso Araujo que no recinto reservado para a



O sr. dr. Veloso Araujo falando ás creanças no Jardim Zoologico.

dia para a sua realisacção.

Não foram só as escolas de todo o paiz que aderiram á festa mas tambem as d'instrucção militar preparatoria e mesmo os regimentos havendo em quasi todas as paradas a plantação da arvore pelos recrutas, após conferencias feitas por officiaes.

Ficou pois chamada essa solenidade a *Festa Nacional da Arvore* conforme a definiu o *Seculo Agricola* e foi no Jardim Zoologico que se realisou o maior festival dedicado ás creanças das escolas



O cortejo da festa da arvore em Algés





houve cortejo no Campo Grande, Bemfica, Campolide e Lumiar sendo todos eles revestidos da maior solenidade.

Tambem do outro lado do Tejo, em Almada, Cacilhas e Pragal se fez o mesmo com verdadeiro entusiasmo assim como por todo o paiz resultando brilhantissima essa festa que o *Seculo Agricola* com tão dedicada atenção e cuidado levou a cabo.



feita falou aos pequenitos após a plantação da arvore cujo lugar foi aberto por meio d'explosivos conforme as experiencias de ha muito aconselhados tambem por intermedio do mesmo semanario.

Em Algés realisou-se um cortejo e fizeram-se varias conferencias sendo uma no aquario na qual orou o senador sr. Machado de Serpa. Do mesmo modo



1. As creanças da escola 75, com os seus professores no Jardim Zoologico. — 2. Os alunos da Sociedade Militar Preparatoria plantando uma arvore na parada de Infantaria 1. — 3. O ministro de Instrução verificando o resultado d'uma expozição de himalalte na festa do Jardim Zoologico. — 4. As creanças da escola do bairro do *Seculo* na festa do Jardim Zoologico. — (Clíches Benolite).

Encerrou-se a exposição de caricaturas e barros do ilustre caricaturista sr. Correia Dias. O chefe do Estado visitou-a em 15 de março de tendo-se durante algum tempo diante dos trabalhos e mostrando desejos de adquirir um d'elles, «Luar de Janeiro», que o sr. Correia Dias pediu licença para lhe oferecer.

Foi esta uma das mais belas exposições que se tem realizado no Salão da *Ilustração Portuguesa* onde tantas celebridades tem afixado os seus trabalhos. No curto espaço de tempo que esteve aberta hou-uma verdadeira ro-



Na exposição Correia Dias no Salão da *Ilustração Portuguesa*. O artista apresentando alguns trabalhos ao chefe do Estado que all foi acompanhado pelo seu secretario.



A visita do chefe do governo ao Município de Lisboa. O sr. dr. Bernardino Machado com a vereação.

maria d'um publico se-letto e elegante, sendo a exposição pelas tardes um verdadeiro *rendez-vous* da melhor sociedade portugueza.

O sr. Correia Dias que vaedes- cançar algum tempo na sua casa

de Coimbra partirá em breve para o Rio de Janeiro onde stalará uma exposição e on-realizará outra sobre a elegancia feminina.

O chefe do estado foi recebido pelo expositor, pelo sr. José da Silva Graça, filho e o pessoal da *Ilustração Portuguesa* e secretaria do *Seculo*.



O casamento do sr. dr. Vellozo Rebello encarregado de negocios do Brazil com a sr.<sup>a</sup> D. Georgina Teixeira de Macedo, filha do sr. dr. Teixeira de Macedo, consuli d'aquella Republica em Lisboa. Os noivos.—O pae e o irmão da noiva á saída da egreja de s. Domingos onde se realisou o enlace—(«Clíchés» de Benolle)



O diretor do *Figaro*, o ilustre jornalista Gaston Calmette, que teve uma das carreiras mais brilhantes foi morto com tres tiros de revolver por madame Caillaux, esposa do ministro das finanças de França, que assim pretendeu vingar a campanha brava que o jornalista a dava fazendo contra o politico e no decurso da qual publicara uma carta que o ministro dirigira outr'ora a sua esposa.

Madame Caillaux declarou na policia



1. Mr. Gaston Calmette, o diretor do *Figaro*.—2. Mr. Joseph Caillaux, ex-ministro das finanças.

que não tivera a intenção de assassinar o diretor do *Figaro* mas apenas dar-lhe uma lição. A opinião apaixonou-se pelo caso, as discussões começaram irradiando de Paris para toda a Europa onde o procedimento da mulher hontem tão feliz hoje tão desditosa, é apreciado por diversas formas. O sr. Caillaux pediu a sua demissão de ministro e retirou-se da vida politica ante os resultados d'essa campanha terrível.

## EXPOSIÇÃO JOSÉ CAMPAS



Apanhando grilos

No *Salão da Ilustração Portu-gueza*, instalou-se a exposição dos trabalhos do ilustre pintor José Campas cuja carreira tem sido admiravel.

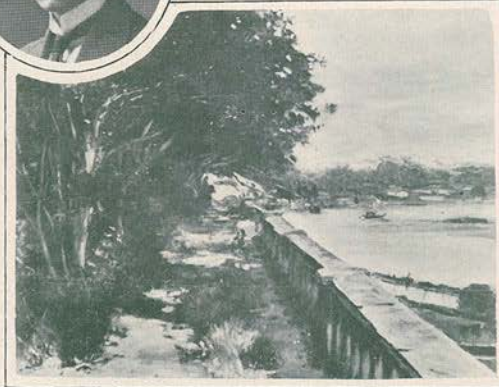
Aluno das Belas Artes destaca-se entre os seus contemporaneos, em Paris aperfeicou-se e um dia surge em Lisboa com uma bagagem enorme. São os seus quadros, o fruto do seu trabalho assiduo e que vae expôr. O publico paga-lhe o espaço comprando-lhe todas as telas e isso dá-lhe alma para novos vôos.

Fortificado pelo carinhoso acolho, querido, parte novamente para regressar n'este começo de primavera a fazer nova exposição onde ha trabalhos admiraveis de expressão, de côr, d'observação onde a vida palpita, corre, tem animação, essa nota de movimento e ar sem a qual não ha pintura possível.



A sua idéa n'este momento, desmanhada a exposição, que estará aberta apenas oito dias, é ir mostrar no Rio de Janeiro e em Buenos Aires esses trabalhos onde a nossa terra vive com as suas paisagens verdes, com as suas casinhas rusticas, as suas alpendradas, os campos, cortados pelas estradas alvas onde os gados passam lentos guiados pelos pastores sob as nuvens azues e claras do ceu portuguez.

Tambem o distinto artista alem d'esses trechos do Porto, Constançia e Entre-os-Rios apresenta algumas telas onde se marcam manchas de aspetos estrangeiros, e cabeças expressivas de boemias que dão uma nota original e viva a essa instalação cheia de gosto e onde palpita vivamente a arte.



2. José Campas.—3. A quinta da China.

(«Clichés» Bernollel).





# TEATROS



Mr. Anatole France  
Henrique Lopes de Mendonça

## TEATRO NACIONAL "Entrez da muda casada"

*La comédie de celui qui a épousé une femme muette* é uma deliciosa anedota tocada d'essa scetica e ironica filosofia do amavel epicurista que é Ana-

tole France.

Lopes de Mendonça adaptou-a á cena portugueza, ao meio portuguez, a figuras portuguezas, á graça portugueza, teatralisando-a com o seu consumado e glorioso talento de escritor. O *Entrez da muda casada* ficou assim, tratado pelo engenho do autor do *Duque de Vizeu* e do *Afonso d'Albuquerque*, uma genuina e autentica farça nossa, dialogada com adoravel bonhomia e com precioso chiste. Lucinda do Carmo e Joaquim Costa foram interpretes excellentes: deram ás suas caricaturas o sabor classico de duas creações.

## TEATRO AVENIDA "Maria do Rosario"

O teatro Avenida representou na semana finda uma opereta de costumes transmontanos, original do es-

critor portuense sr. Sousa Rocha e musica do maestro C. Calderon.

A peça é pitoresca, tem vida, é profundamente portugueza e dispõe, de inequívocos elementos de agrado. É uma tentativa de teatro regional eminentemente simpática e uma lóuvel reacção contra o dessorado e monotono repertorio austriaco que quasi tem monopolisado, nos ultimos anos, os nossos palcos de musica ligeira.

(«Clichés» Benollet).



As atrizes Etelvina Serra e Lilyta na opereta *Maria do Rosario*



A atriz Etelvina Serra e os actores José Ricardo e Armando de Vasconcelos na opereta *Maria do Rosario*



# Uma hernia curada

Sem operação

Cura maravilhosa do Sr. Dr. Pimental, de 76 annos, com uma hernia de trinta annos

A vantagem da perfeição na cura das hernias por mais difficil e mais antigas que sejam, sem a menor difficuldade, não causando ao paciente a mais pequena dor, nem perigo, assim como sem o menor tempo nas occupações diarias, e alcançada pelo methodo do Dr. W. S. Rice (S. 987), 9, St. Pancruter Street, Londres, E. C., Inglaterra. Com elle não ha precisão de lanceta e o tratamento é enviado directam-te a casa dos pacientes, traz no mesmo immediato conforto, commodidade e activo.

O Sr. Dr. A. C. Pimental, o qual esteve herido durante 33 annos, e experimentou todas as fundas mais conhecidas, decidiu tratar-se pelo methodo de Rice apesar da sua avançada idade (75 annos) resultando curar-se agora por completo, não fazendo uso alg. m. de appar. lhos. Este sr. diz-nos «tôsou perfeitamente curado da hernia, de que vinha soffrendo desde trinta annos, não fazendo uso algum da minha funda e a hernia nunca mais voltou a apparecer. Não me é possível encontrar a abertura da hernia o que prova que a cura está completa. Isto é verdadeiramente extraordinario e eu não encontro palavras com que possa exprimir a minha admiração por uma tão maravilhosa descoberta. Todos os fabricantes de fundas dizem que curam a hernia, mas eu que experimentei os mais conhecidos appar. lhos de todas as partes do mundo sei perfeitamente que elles não curam. Estou convencido de que o unico meio digno de confiança para a cura da hernia sejam recent. s ou antigas e o maravilhoso methodo de Rice. O Dr. Rice pode estar bem orgulhoso de si proprio e eu affirmo que elle é o unico especialista do mundo que conseguiu descobrir o meio de cerrar para sempre a abertura da hernia. Que mais provas de convicção se devem pedir, depois que uma personalidade medica se declara radicalmente curado e mostra que o verdadeiro meio para a cura da hernia está descoberto».



Sr. Antonio dos Santos

Entre outros que se curaram com o methodo de Dr. Rice estão Sr. Antonio dos Santos, Travessa de Froes, 21, 1.º, Santarem, o qual estava herido ha ja cerca de 6 annos (veja a photographia), curado aos 75 annos de idade, o sr. F. Ortega, calle Naba, Belmonte, 17, Cordoba, Hespanha, curado de uma hernia «escrita de 30 annos e o sr. F. Merino, R. de Tatyho n.º 77, Rio Grande do Sul, Brazil, herido ha 35 annos.

E pois de maior conveniencia que as pessoas de ambos os sexos padecendo de hernia escrevam ao Dr. Rice pedindo uma copia do famoso livro, descrevendo detalhadamente o seu methodo de cura de todas as hernias por mais difficil e graves que sejam. Junto será enviado gratuitamente uma amostra de seu methodo, pois que o seu maior desejo é que todo o paciente d'esta terrivel doença possa o maravilhoso remedio que cura sem dor e sem perigo, sem operação nem perda de tempo de trabalho. Não esperem mais, escrevam immediat. mente.

**Perfumaria**  
**Balsemão**

141, RUA DOS RETROZEIROS 141  
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Sabonete preparado  
com os ares das Aguas  
de **Mizella**  
o melhor para a pelle



## PARA QUE VIVER?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saule, arte, amor, correspondido, ganhar aos jogos e loerias, pedindo a curiosa brincadeira gratis, em portueza, de **ANDRÉ YTAUO, 35, Boulevard Bonne-Nouvelle, 35 - PARIS.**

## SELOS EXTRANGEIROS GRATIS!

A cada colecionador que nos envie 50 réis em estampilhas portuezas não usadas, ENVIAREMOS na volta do correio 100 SELOS DIFERENTES ou, se o preferirem, uma valiosa serie de 10 SELOS CHINEZES, mencionados no n.º E 65 da 10.ª edição, que acaba de sair, do **A B C ILLUSTRATED PRICED CATALOGUE OF WORLD'S STAMPS** para 1914, 688 paginas, 5.000 illustrações, 850 réis, franco de porte, que devem ser remetidos em vale do correio.

**OFERTA ESPECIAL:** 250 selos diferentes das colonias, por 2.000 réis, franco de porte.

**BRIGHT & SON**  
164, Strand, London, W. C., Inglaterra

Comprem a seda **Suissa**

Peçam as amostras das nossas novidades de primavera e verão com figurinos para vestidos e blusas: Crêpe, Estampador, Duqueza, Chinez, Crêpes da China, Mussellina suissa desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e côr.

Vendemos as nossas sedas de solidez garantidas directamente aos parteculares e franco de porte ao domicilio.

**Schweizer & Co, Lucerne E II (Suissa)**  
Exportação de sedas.

## COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

So sed. anonima respons. limitada

ACOES	CAPITAL:	360.000\$000
OBRIGACOES		323.910\$000
FUNDOS DE RESERVA E AMORTISACAO		266.400\$000
	Réis:	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianisa e solveirinho (Tamar). Penedo e Casal de Hermio (Lousã). Vale Maior (Abergar-a-Velha). Instaladas para uma producao annual de seis milhoes de kilos de papel e dispondo dos mais modernos mais aperfeccionados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressao e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especificas de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais.

**ESCRITÓRIOS E DEPOSITOS:**  
LISBOA—270, Rua da Princesa, 276  
PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51  
Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado**. Numero telefonico: Lisboa, 665—Porto, 117.

## SOIS BAIXA mas podeis crescer SETE CENTIMETROS em DOIS MEZES.

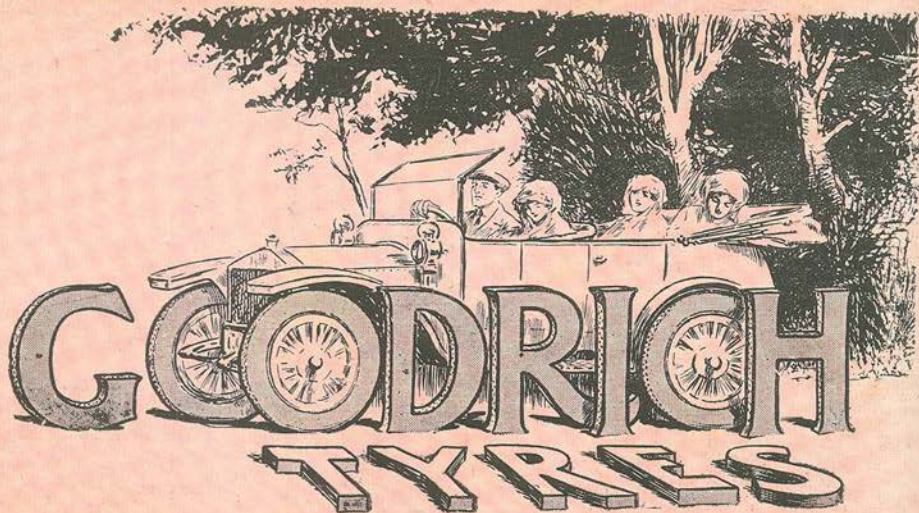
Hasta conservar 5 minutos cada dia ao **GRANDISSEUR DESBONNET**, o maior descobrimento do seculo em materia de cultura fisica. Póde-se crescer em toda a idade como o prova a experiencia feita perante a Corporação Medica pelo professor Desbonnet que tem feito crescer diversas pessoas de 40 annos sete centimetros em tres mezes sem droga e sem nenhum esse ciclo perigoso de enfornamento.

O aparelho e o método completo são enviados francos e se porie ao domicilio contra remessa de quarenta fra cos dirigidos a M. Desbonnet, 48 (2). E. l'Alou a l'Issoumnie, Paris (France).

Tem-se vendido este ano em Portugal mais de 180 aparelhos. INCLUE-DO: Os serres convencidos tendo o folheto explicativo illustrado (enviado gratis).







E' O PREFERIDO PELO VERDADEIRO SPORTSMAN

Todos os automobilistas que teem experimentado

o

## Pneu Goodrich

não querem mais outra marca

porque a sua **QUALIDADE**

justifica a sua devisa

**SUPERIOR ao MELHOR**

A' venda

Castanheira, Lima & Rugeroni, L.<sup>da</sup>, Rocio—LISBOA

ROMARIZ, ABRANCHES & PISTACCHINI, Rua Santa  
Marta—LISBOA

MAGALHÃES & MONIZ L.<sup>da</sup>, L. dos Loios, 11 — PORTO

ANTONIO FERNANDES & FILHO—COIMBRA

SIMÕES & FLORIVAL—EVORA

ZENHA & C.<sup>a</sup>—BRAGA

JOSE MARIA DIONIZIO JUNIOR—VIZEU

AUTO GARAGE GOUVEENSE—GOUVEIA

AUTO GARAGE—COVILHÃ

JOAQUIM MANUEL PICÃO FERNANDES—ELVAS

COELHO & BRANDÃO—VIANA DO CASTELO

AGENCIA GERAL DOS PNEUS GOODRICH, Rua 1.<sup>o</sup> de Dezembro, 82, 2.<sup>o</sup>—LISBOA